

Alianças de Lula são insuficientes, dizem analistas

Na opinião de especialistas e integrantes da própria frente das esquerdas, a união em torno da chapa Lula-Brizola não traz novos votos para a oposição, o que torna o sucesso da coligação dependente do fracasso do governo

HELIO GAMA NETO
e CLÁUDIA DIANNI

O esforço feito pelo candidato do PT à Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva, para garantir o pedetista Leonel Brizola na vaga de vice em sua chapa e o apoio de PSB e PC do B podem não ter sido suficiente para alterar o cenário da corrida presidencial. A frente de oposições deu a Lula a chance de passar ao eleitor, pela primeira vez, a imagem de uma esquerda unida. Também aumentou o número de cabos eleitorais da candidatura petista – de prefeitos a governadores, passando por deputados estaduais e federais e senadores, além dos candidatos às vagas em disputa na eleição deste ano. Mesmo assim, segundo especialistas e integrantes da coligação, a união dos quatro partidos não reverteu o favoritismo do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Para o professor de ciência política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Denis Rosenfield, a coligação deverá polarizar a campanha e “facilitar a definição no primeiro turno, favoravelmente a Fernando Henrique”. Ele aponta três razões para o insucesso da frente: discurso da negação, diferenças gritantes de projetos entre os partidos e o conflito interno no PT. “A oposição de esquerda está desaparecendo”, lamenta, acrescentando que um possível movimento dessa aliança mais ao centro poderá agravar a situação.

O professor Leônicio Martins Rodrigues, da Universidade de Campinas (Unicamp), concorda com Rosenfield em que a consolidação da frente de esquerda, apesar de inédita, não muda em quase nada o atual cenário eleitoral. Leônicio, entretanto, vê de outra forma a possibilidade de uma composição com figuras fora do campo esquerdista. Para ele, o grande desafio de Lula é justamente avançar do eleitorado de esquerda em direção ao centro. “Um movimento equivalente ao que fez Fernando Henrique, quando foi da centro-esquerda para a direita, adicionando votos”, avalia.

“Para provocar algum estrago na reeleição de Fernando Henrique, o PT teria de coligar-se com o PMDB”, completa o especialista Fernando Limonge, da Universidade de São Paulo (USP), para quem a aproximação com o PDT é natural, apesar das divergências ideológicas entre as duas legendas. “O próprio eleitor já faz isso; a prova é a eleição de 1989, quando o eleitorado de Brizola votou em Lula no segundo turno”, recorda. O problema da frente das esquerdas, na opinião de Limonge, é que a união dos quatro partidos “não soma nenhum voto para Lula”.

A estratégia da executiva nacional petista era exatamente quebrar o estigma de partido isolado e lançar o PT como uma legenda moderna, que faz aliança e se preocupa em ganhar votos. Na opinião de Limonge, não são as brigas do partido que impedem a expansão do arco de aliança. “Divergência interna não é motivo para não coligar-se ou o PSDB não teria feito a aliança com o PFL”, compara.

O presidente do Instituto Vox Populi, Marcos Coimbra, diz que o eleitor brasileiro tem muito pouco interesse nas eventuais alianças entre os partidos. “A maioria

pensa é no candidato à Presidência”, afirma. Ele entende que a disputa eleitoral ficará praticamente limitada entre as personalidades do presidente Fernando Henrique e de Lula. “O eleitor vai escolher o presidente, com tudo o que ele fez e deixou de fazer, ou Lula, com tudo o que ele é ou deixa de ser.”

Chances – Na semana passada, quando a frente foi formalizada, o discurso oficial dos dirigentes das quatro legendas era de euforia. No entanto, alguns integrantes da coligação não acreditam na possibilidade de chegar ao segundo turno e, principalmente, derrotar o presidente. Para um dos principais líderes do PSB, “a esquerda permanece sem projeto”, o que deverá ser fatal para as pretensões de Lula e Brizola. “Nossa única proposta é disputar a eleição”, reclama.

Segundo ele, a frente só terá sucesso se o governo fracassar em um ou mais pontos decisivos para a sociedade, como a batalha contra a inflação. Mas até mesmo para aproveitar os momentos de fraqueza do governo, a oposição tem-se mostrado ineficiente. A formalização da aliança, por exemplo, veio mais tarde do que o previsto pelos líderes do PT, deixando passar um período precioso no qual o governo acumulou tropeços – a perda de homens importantes na estrutura montada por Fernando Henrique (Sérgio Motta e Luís Eduardo Magalhães), derrota no Congresso e o atraso na ação para tentar reduzir os males da seca no Nordeste e os incêndios em Roraima.

O quadro negativo completa-se com a crise no interior do PT, que vai encabeçar a aliança. Durante o processo de negociações com os demais partidos, foram abertas feridas que levarão algum tempo para cicatrizar, atrapalhando a mobilização da campanha petista. O Rio é o foco da principal dificuldade.

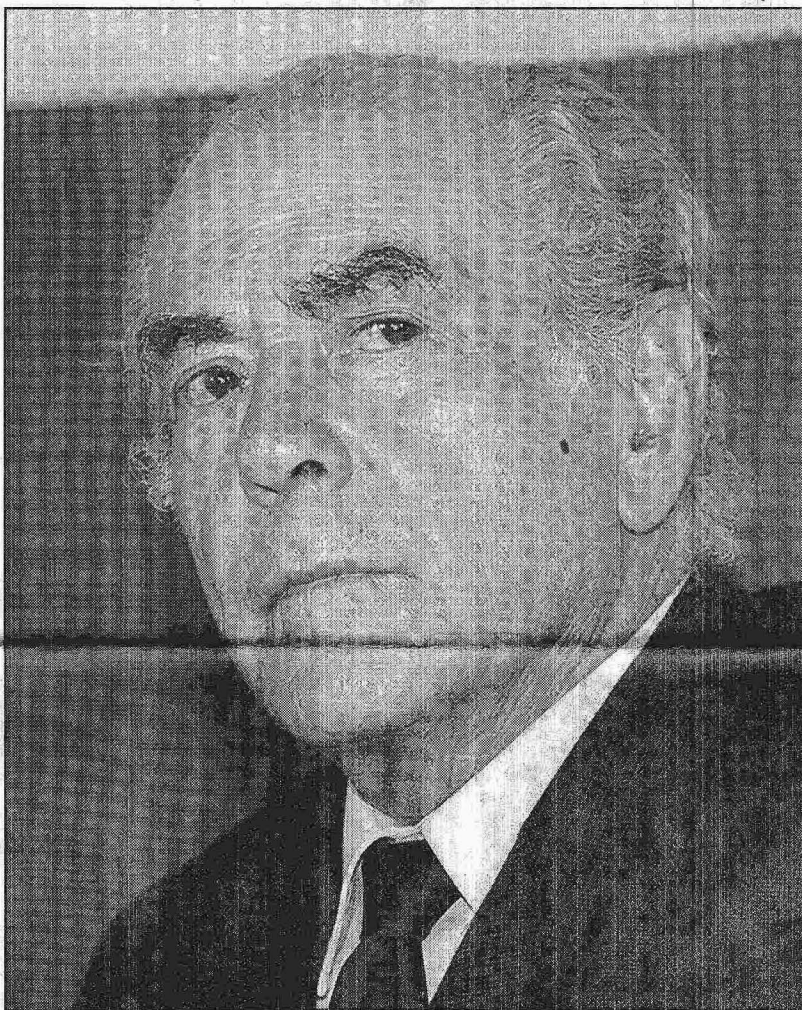
A decisão do PT fluminense de indicar o radical Vladimir Palmeira para o governo do Estado contrariou a direção do PT, que exigia, no Rio, o cumprimento da condição imposta por Brizola para manter-se na frente: o apoio ao pedetista Anthony Garotinho. Abriu-se uma guerra sem precedentes na história petista, envolvendo não só a política de alianças, mas também o poder interno da legenda.

O diretório nacional do PT teve de intervir no Rio, e Lula, que insistiu em lançar sua candidatura somente com o amparo de uma política de alianças, foi obrigado a entrar em choque com a ala radical do partido. Nos dias 23 e 24, o encontro nacional dará a palavra final sobre o impasse no Rio, mas seja qual for o resultado o confronto deverá prolongar-se. “Pelo menos por mais um mês”, arrisca Rosenfield.

A divisão interna do PT também deverá refletir-se nas conversas entre os partidos da aliança sobre o programa de um eventual governo, na estratégia da campanha e até mesmo na agenda dos candidatos. Pelo acordo feito entre as direções partidárias, PT, PDT, PSB e PC do B terão igual poder de decisão na campanha, mas há muitas divergências entre as legendas. Como num redemoinho, a aliança poderá contribuir para o acirramento da luta interna no PT.



Lula: pela primeira vez, esquerda reúne-se em torno da sua candidatura



Brizola: na avaliação de alguns, politicamente forte demais para ser vice



Ciro: para candidato do PPS, união de Lula e Brizola não cria nada novo

José Paulo Lacerda/AE-14/5/98

José Paulo Lacerda/AE-14/5/98

Ramundo Valentim/AE-2/2/98



ELEITOR NÃO
LEVA EM CONTA
ACORDOS
PARTIDÁRIOS